

# Migrantes no jornal boliviano El Deber: a tradicional invisibilidade das mulheres

Cláudia Lago<sup>1</sup>

Elisa Canjani<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo analisa como El Deber narra (ou não), as mulheres como agentes no processo migratório. Parte-se do pressuposto que as mulheres, agentes importantes dentro dos fluxos migratórios contemporâneos, são mais ainda invisibilizadas dentro do processo, enquanto agentes da migração e enquanto personagens para o jornalismo. A análise de matérias publicadas no periódico boliviano El Deber, em 2018 e 2019, corrobora esta percepção. Elas estão ausentes da maioria das matérias e não aparecem como agentes mesmo quando o jornal se dedica a narrar o processo de remessa de capitais, tão importante para a economia da região. As mulheres, quando aparecem, o são em função de enquadramentos tradicionais de gênero.

Palavras-chave: Migrações contemporâneas. Mulheres Migrantes. Invisibilidade.

## Migrants in the Bolivian newspaper El Deber: the traditional invisibility of women

<sup>1</sup> Cláudia Lago é doutora em Ciências da Comunicação, professora da Escola de Comunicações e Artes (ECA) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM ECA/USP) da Universidade de São Paulo. Coordena o grupo de pesquisa Alteridade, subjetividades, estudos de gênero e performances nas Comunicações e Artes (AlterGen). claudia.lago07@usp.br

<sup>2</sup> Elisa Canjani é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM-ECA/USP) da Universidade de São Paulo. Integra o grupo de pesquisa Alteridade, subjetividades, estudos de gênero e performance nas Comunicações e Artes. elisa.canjani@usp.br

## Abstract

This article analyzes how El Deber narrates (or does not) women as agents in the migratory process. It is assumed that women, important agents in the contemporary migratory flows, are even more invisible within the process, as agents of migration and as characters for journalism. The analysis of articles published in the Bolivian journal El Deber, in 2018 and 2019, corroborates this perception. Women are absent from most articles and do not appear as agents even when the newspaper is dedicated to narrating the capital remittance process, so important for the region's economy. When women appear, they are due to traditional gender frameworks.

Keywords: Contemporary migrations. Migrant women. Invisibility.

## Introdução

Artigo publicado pela ONU em 2017 anunciava: *Remessas de migrantes aumentam 51% em dez anos e tiram milhões da pobreza*<sup>3</sup>, baseado em relatório do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola da ONU - FIDA. O jornal Valor Econômico<sup>4</sup>, publicou matéria em 2018, com o título *Fluxo de remessas de emigrantes pode chegar a US\$ 616 bi*. Marcia Oliveira, em artigo para o jornal Amazonas Atual<sup>5</sup> em janeiro de 2019, vai além, também com base em dados da FIDA: segundo a socióloga, a economia de remessas sustenta cerca de 800 milhões de familiares ao redor do mundo, num montante anual de 500 bilhões de dólares. Os números citados não levam em conta a economia relativa às migrações internas. Ainda segundo Oliveira, tais remessas equivalem a 20% da renda desses imigrantes e entre 10 e 40% são retidos a título de transação pelos bancos responsáveis pelo envio. No caso brasileiro, as remessas que entram no país representam 0,2% do PIB, mas em termos de América Latina, equivale à quarta economia.

Estes dados apontam para uma das facetas dos processos migratórios que geralmente são minoritárias na cobertura jornalística em países como o Brasil, que se

<sup>3</sup> In: <https://nacoesunidas.org/remessas-de-migrantes-aumentam-51-em-dez-anos-e-tiram-milhoes-da-pobreza-diz-estudo>

<sup>4</sup> In: <https://valor.globo.com/mundo/coluna/fluxo-de-remessas-de-emigrantes-pode-chegar-a-us-616-bi.ghtml>

<sup>5</sup> In: <https://amazonasatual.com.br/a-economia-das-remessas/>

detêm nas crises migratórias, nas políticas de recepção dos imigrantes, nas ondas de xenofobia dos países destino. Esta cobertura em parte apresenta um migrante vitimizado, um problema social a ser herdado pelos países receptores. Outras faces do movimento, como sua importância na economia global, a capacidade dos movimentos migratórios atuar entre e em dois mundos, de organizar redes transnacionais de comunicação (CASTELS, 2010), pouco são percebidas e enquadradas.

Dentro deste contexto de simplificação das narrativas sobre a imigração, interessa-nos especialmente pensar a presença das mulheres neste processo e como isso se reflete na cobertura jornalística. Contabilizando mais do que a metade dos corpos migrantes em boa parte destes deslocamentos – o que deve ser relacionado, por sua vez, à feminização da pobreza em nível mundial, as mulheres raramente são narradas e, quando o são, permanecem como coadjuvantes, enquadradas por uma visão androcêntrica – quando olhamos para as narrativas epistêmicas sobre as migrações, ou quando olhamos para a narrativa produzida pelo jornalismo sobre o processo.

Na busca mais ampla para compreender até que ponto os ônus e bônus envolvidos e as muitas variáveis implicadas na decisão de migrar estão sendo retratados realizamos esta pesquisa, interessando especialmente perceber como se dá a menção à migração de mulheres e como esta se relaciona à discussão sobre a migração e remessa de capitais – aspecto importante da cobertura jornalística no país de origem objeto do artigo.

Buscamos, portanto, pensar a questão da migração em diálogo com as relações de gênero, especificamente levando em conta o papel das mulheres migrantes e sua invisibilidade na cobertura jornalística mesmo quando o tema narrado (remessas de capital) é parte importante desta cobertura.

Partimos do pressuposto que o jornalismo é uma tecnologia de gênero (LAURETIS, 2019) que se constrói a partir de uma perspectiva masculinista (VEIGA DA SILVA, 2004), que determina quem e o que deve ser narrado (e como) a partir da centralidade do masculino. Segundo Gallego (2008), um centro conformado pelo “nós” masculino que define a periferia: “elas”, aquelas que são observadas, narradas. Um jornalismo com uma episteme fundada em conceitos como objetividade, racionalidade, neutralidade, (LAGO, GONÇALVES e KAZAN, 2019) positivistas e excludentes, o que vai se refletir no apagamento sistemático das minorias sociais, concomitante ao enquadramento destes grupos em chaves específicas que reforçam estereótipos de raça

e gênero, para citar apenas dois marcadores. As mulheres, por exemplo, além de francamente minoritárias no conjunto da cobertura, geralmente aparecem confinadas à esfera do privado, em posições subalternizadas que são identificadas tradicionalmente como femininas<sup>6</sup>.

Este olhar também é observado nas narrativas acadêmicas sobre o processo migratório. Dutra (2019) por exemplo, observa a persistência de uma matriz androcêntrica nos estudos migratórios e um viés universalista nas tentativas de voltar os estudos para a mulher imigrante. Para contrapor à perspectiva universalista, sugere o conceito de “entronque patriarcal”<sup>7</sup> proposto por feministas aymaras-bolivianas para auxiliar na compreensão do fenômeno das mulheres latino-americanas.

Desta forma, o Jornalismo tende na cobertura sobre os processos migratórios, por um lado, a invisibilizar as mulheres como parte destes processos – já que o homem é dado/construído como o imigrante universalizado. Ao mesmo tempo, quando visibiliza mulheres migrantes, tende a destituir estas mulheres de sua própria agência, repetindo a tendência a subalternizar o feminino.

Como recorte selecionamos a Bolívia como país de origem migratória, dado serem bolivianos/nas as maiores comunidades de migrantes contemporâneos/as instaladas na cidade de São Paulo, com trânsito já consolidado, em que pesem as condições de extrema precariedade em que muitos dos/as imigrantes e seus filhos sabidamente vivem.

Para tal intento realizamos pesquisa exploratória junto ao jornal El Deber, entre os anos de 2018 e 2019. Ele foi escolhido por ser da região de Santa Cruz de La Sierra, polo de origem importante na relação com os migrantes. O Jornal foi escolhido entre outros da região por permitir busca por período de tempo, necessária para efetivação da pesquisa.

## Migrações Hoje e as Mulheres

---

<sup>6</sup> Se estes pressupostos não são tão evidentes pois tendemos a naturalizar o que observamos no jornalismo, uma olhada sobre os números de quem faz as notícias, no sentido de quem aparece, constrói, narra, é narrado na mídia, realizado a cada cinco anos pelo Monitoramento Global de Mídia (GMMP), pode ser elucidativo. In: <http://whomakesthenews.org/gmmp>

<sup>7</sup> Julieta Paredes, feminista comunitária aymara-boliviana, defende a existência da opressão de gênero nas culturas e sociedades pré-coloniais, que se somaram às opressões impostas pelos colonizadores. É esse encontro de interesses patriarcais que denomina “el entronque patriarcal” (PAREDES, 2014, p. 71).

Tradicionalmente a imigração foi tratada como uma questão masculina, muito embora pesquisadores que se debruçam atualmente sobre o tema, como comenta Assis (2007) tenham revelado a predominância de mulheres nas migrações irlandesas do século XIX, por exemplo. A maioria feminina também esteve presente nos fluxos migratórios legais para os EUA entre 1930 e 1979, quando contabilizou 55% do total. Assis explica a invisibilidade feminina afirmando que “a perspectiva teórica – presente nos estudos de imigração até o início dos anos 1970 – era ‘cega’ em relação às diferenças de gênero, raça e etnia” (ASSIS, 2007, p. 749).

As migrações femininas contemporâneas diferem das migrações do século XIX e primeiras décadas do século XX por seu capital humano, fruto da democratização da educação, de legislações mais liberais. Em contrapartida, encontram um mercado ainda segmentado por gênero em nichos de ocupação considerados femininos. Assis cita a pesquisa de Floya Anthyas, na qual as migrantes são categorizadas segundo padrões raciais e de nacionalidade, traduzidas em estereótipos. Segundo a autora, como motivação para a imigração de mulheres, além dos motivos econômicos que afetam migrantes independente do gênero, surgem a necessidade de romper com a discriminação e violência de gênero. Desta forma, é necessário que as pesquisas sobre imigração incorporem outra perspectiva pois,

Desde o momento da partida, a escolha de quem vai migrar, os motivos da migração, a permanência ou o retorno ocorre articulado em uma rede de relações que envolvem gênero, parentesco e geração. Partindo dessa perspectiva, as teorias de imigração são questionadas a lançar um outro olhar sobre os povos em movimento. (ASSIS, 2007, p. 751)

Segundo Morokvasic (1984) a imigração feminina para os países industrializados do ocidente está ancorada na pós-crise econômica, somada à desindustrialização em países periféricos, o deslocamento de indústrias sindicalizadas e o crescimento de pequenas unidades de produção, que se valem da mão-de-obra captada em redes informais, nas quais as mulheres são as representantes ideais: mais vulneráveis, mais flexíveis e menos exigentes. Estas mulheres migrantes são incorporadas à nichos segregados por gênero nos cargos menos qualificados das indústrias de tecnologia, ou nos setores mais baratos dessas indústrias. A autora não fala apenas de mulheres que

migram sem um projeto prévio, mas também de mulheres que são recrutadas em seu país de origem.

Morokvasic lembra que o trabalho feminino em muitas situações se confunde com o trabalho doméstico, entendido como natural da condição de gênero e, portanto, sujeito à não remuneração ou, quando muito, à sub-remuneração<sup>8</sup>. Mesmo quando pago, não é necessariamente considerado atividade econômica, e permanece fora dos registros formais, ou ainda, entendido como complementação de renda. Esta condição definiria a inter-relação entre a exploração no âmbito doméstico e sua exploração pelo sistema econômico.

Se as mulheres migrantes nas Filipinas produzem bonecas barbie para os mercados ocidentais, ou se produzem relógios em Cingapura; se são domésticas em Dakar ou na Cidade do México, se costuram roupas de alta qualidade para mulheres de alta renda e de classe média das lojas de Londres, Paris ou Nova York, ou se costuram jeans em Manila; se estão na pesca no Senegal, ou limpam hospitais e banheiros públicos alemães, suecos e britânicos, seu lugar no mercado assalariado geralmente não é considerado seu papel principal, nem por elas nem por seus empregadores (MOROKVASIC, 1984, p. 888, tradução nossa).

6

Segundo a autora, a relação patriarcal familiar, que se estende às relações de trabalho e à confinamento da mulher no papel de apoio do homem moldaram sua posição social, econômica e legal nos países de acolhimento. Os processos de discriminação racial, de gênero e exploração de classe tornam sua posição extremamente vulnerável. Muito embora Morokvasic não esteja tratando das migrações latino-americanas, ou imigração sul-sul – o artigo data de 1984 – traz elementos importantes que podem ajudar a refletir o que acontece na atualidade, que é reforçado por artigo mais recente, onde afirma ser “gênero um princípio organizador da estrutura social” (2014, p. 356) nos contextos migratórios.

Esta perspectiva é corroborada por entidades que se dedicam a pensar a questão das desigualdades. O relatório da Oxfam<sup>9</sup> traz informações alarmantes e aponta o fato de que as mulheres vêm servindo a um sistema econômico sexista, prestando um serviço

<sup>8</sup> Não é intento deste trabalho, mas importante um paralelo com discussão sobre o emprego doméstico no Brasil.

<sup>9</sup> A Oxfam International é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1942, voltada para objetivos como distribuição de água, saúde e educação para todos, empoderamento feminino, acesso ao trabalho e igualdade, atuando em cerca de 67 países, ao redor do mundo. In: < <https://www.oxfam.org.uk/>>.

que é mal ou não remunerado no mercado, ou ainda cobrindo lacunas em serviços que deveriam ser oferecidos pelo setor público:

O valor monetário global do trabalho de cuidado não remunerado prestado por adolescentes e mulheres na faixa etária dos 15 anos ou mais é de pelo menos US\$ 10,8 trilhões por ano - três vezes mais alto que o estimado para o setor de tecnologia do mundo (OXFAM, 2020, p. 6)

Jaqueline Bertoldo em pesquisa sobre a vulnerabilidade das imigrantes e o trabalho doméstico, trabalha com o termo “cadeia global de cuidados” ou “global care chain” apresentado por Russell Hochschild. Segundo a autora, o conceito aponta para a formação de cadeias de cuidados que têm, em uma ponta uma família pauperizada e na outra uma família com recursos financeiros para contratar os serviços de cuidados desta família pauperizada, fazendo com que a migração feminina seja “marcada por uma série de arranjos em torno das relações afetivas, da necessidade de sobrevivência, de cuidado e subsistência de toda a família, de melhores oportunidades para os filhos (2018, p. 317).

Em linha parecida temos os trabalhos de Gregório Gil, pesquisadora que se dedica a entender os “trabalhos de manutenção da vida cotidiana” – tradução livre – no campo das migrações transnacionais, a partir de uma perspectiva feminista e interseccional, com o objetivo de esclarecer “como se produzem as desigualdades de gênero, classe, raça, estrangeirice e etnicidade” (2017, p. 51) e sua relação com a formulação de políticas públicas de conciliação das esferas laboral, familiar e pessoal. Em seu artigo, a autora questiona as lógicas de diferenciação de gênero aplicadas nas análises das migrações transnacionais e propõe a análise crítica dos modelos teóricos predominantes nos estudos das migrações, que se organizam “a partir da associação da mulher com o reprodutivo e do homem com o produtivo” (2017, p. 51).

Também no Brasil, a relação entre gênero e migrações tem sido estudada por autoras/es, como Cogo e Badet (2013) que afirmam a maior complexidade dos fluxos migratórios da atualidade, onde o aumento no número de migrantes que trabalham alheios às regulamentações laborais, e de migrantes temporários, entrecruzam-se com o número expressivo de mulheres, que migram de forma independente ou como chefes de família. As autoras somam ao quadro de complexidades, a importância crescente da remessa de valores, protagonizada por esses/as migrantes no quadro econômico global.

Segundo as pesquisadoras, a partir de 2008 o Brasil começa a se posicionar como



país de destino nas migrações transnacionais, perspectiva corroborada com as projeções do relatório *Revision of World Population Prospects*<sup>10</sup>, de 2019, que apontava que o número de imigrantes no Brasil está em torno de 807 mil imigrantes, dos quais 96 mil são refugiados, perfazendo 0,4% do total da população do país. As mulheres representam 46% desse grupo, com as maiores parcelas entre 25 e 35 anos, superadas apenas pelo grupo acima de 75 anos. Nos casos da Bolívia e Peru, as mulheres representam 47,6% e 45,8% dos imigrantes, respectivamente. Mais do que uma questão isolada, trata-se de olhar para um grupo específico para refletir sobre a submissão de gênero à naturalização do enquadramento da mulher nesse lugar de subalternidade e invisibilidade.

Entre as diversas questões que envolvem as migrações, parece pouca a visibilidade da questão das remessas de capital e sua composição no PIB de muitos dos países fornecedores de mão de obra migrante em que as mulheres adquirem valor, seja no mercado de trabalhos domésticos, seja no mercado sexual, ou ainda, segundo Assis, no mercado matrimonial. Para a autora, estes espaços se organizam de acordo com estereótipos generificados:

No caso das mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos, também podemos observar essas categorizações. Às representações de sensualidade e beleza da mulata, que na Europa muitas vezes se relacionam à imagem da prostituição e da discriminação, agrega-se a imagem de mulher carinhosa, de boa esposa e mãe, o que confere uma certa vantagem às mulheres no mercado matrimonial em comparação aos homens. (ASSIS, 2007, p. 750)

Os dados sobre migrações evidenciam a participação equitativa das mulheres nesse complexo universo que tanto envolve elementos quantificáveis – como as remessas de capital – quanto os múltiplos desdobramentos macroeconômicos, no que Guarnizo (2004) chama de viver transnacional e alcança uma diversidade de questões que envolvem a atividade humana em suas relações de sobrevivência e convivência, uma gama de “(...) relações sociais, culturais, políticas e econômicas transfronteiriças que

---

<sup>10</sup> In:

<https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/countryprofiles.asp>.



emerge, intencional e inesperadamente, da pressão dos migrantes por manter e reproduzir seu ambiente sócio cultural de origem à distância<sup>11</sup> (2004, p. 15).

Não se trata, portanto, de assumir uma perspectiva que evidencia apenas o aspecto econômico das migrações, tão cara ao pensamento neoliberal, mas de enfatizar que o trabalho migrante, parte da engrenagem econômica global, muitas vezes não é dimensionado – especialmente na cobertura jornalística corriqueira. E, nesse sentido, o trabalho das mulheres migrantes nem sequer é cogitado – há o apagamento de sua agência como responsáveis pelo trabalho, como acontece com boa parte da mão de obra feminina ao redor do mundo em diversas frentes.

Como já indicamos, o que raramente é discutido é o estímulo dissimulado que se percebe nos países de origem, assim como a rejeição dissimulada nos países de acolhimento. Tanto países de origem quanto de destino não se pensam responsáveis pelo grupo, o que se reflete na cobertura jornalística, embora façam bom uso de sua força de trabalho – já que o processo é geralmente apresentado a partir da lógica das escolhas individuais das pessoas envolvidas.

A este quadro é necessário somar a investigação do poder midiático que, se por um lado não visibiliza as redes que a imigração representa para a economia e o modus vivendi global, por outro alardeia o bônus pessoal e ignora o ônus de indivíduos no processo, criando expectativas quase idílicas. As mídias sociais e as mídias hegemônicas, especialmente nos países de origem<sup>12</sup>, são ferramentas de difusão do “sonho de imigrar”: aquele que sai e que é vitorioso/a, ou permanecendo no país de destino, ou retornando com uma situação aparentemente melhor para o país de origem. Sem negar o protagonismo do imigrante, há que se colocar em questão as representações e o gatilho para o projeto migratório. Para além da decisão pessoal existe um forte apelo midiático em torno dos imigrantes “bem-sucedidos” que representam “bem” o país no exterior, expressos, por exemplo, em matérias de jornais das regiões de origem, com artigos sobre o sucesso longe de casa de filhos/as da terra ou, por parte de governos, de iniciativas

---

<sup>11</sup> No original: (...) relaciones sociales, culturales, políticas y económicas transfronterizas que emerge, intencional e inesperadamente, de la presión de los migrantes por mantener y reproducir su ambiente sócio-cultural de origen a distancia. Tradução nossa.

<sup>12</sup> A relação de migrantes na mídia em países de destino é outra, já que estes grupos – independente do trabalho que executam nestes lugares – sofrem com a discriminação e a xenofobia.

para auxiliar migrantes, em conteúdos que geralmente universalizam sujeitos migrantes como homens. Sobre este aspecto falaremos em seguida.

### O Caso Boliviano

O território da Bolívia soma 1,1 milhão de Km<sup>2</sup> e sua população é de 11,3 milhões de pessoas, segundo dados do Itamaraty<sup>13</sup>. Além do castelhano, quéchua, aymará e guarani, conta com mais 32 idiomas reconhecidos na Carta Magna de 2009. Divide-se em nove departamentos, dos quais os mais populosos são La Paz, Santa Cruz e Cochabamba. A maior parte da população, 55%, é ameríndia.

Para Nóbrega, a Bolívia vem se consolidando, nos últimos trinta anos, como “país exportador de mão de obra” (2008, p. 2). Para o autor, existe uma divisão clara no perfil e destino desses imigrantes: aqueles que detêm maior escolaridade e maior renda se dirigem a EUA e Espanha, países do norte global. Os imigrantes com baixa escolaridade e menor ou nenhuma renda se mantêm no continente, majoritariamente na Argentina (73% da população migrante) e Chile, estando o Brasil em quinto lugar de preferência. No caso do Brasil, em grande parte são pessoas sem documentação oficial (indocumentados) e estão, portanto, ausentes das estatísticas oficiais (idem, p.7)

Segundo o autor em 2005 mais de 60% dos imigrantes originários de Cochabamba estabelecidos na Espanha eram mulheres. Ligadas aos trabalhos domésticos no país de destino, provocam também a reconfiguração no padrão familiar no país de origem ao imigrarem, com o aumento da monoparentalidade e a maior participação das avós na criação dos filhos. No caso da Argentina, os imigrantes bolivianos se ocupam nos setores de construção civil, têxtil (ambos os sexos) e doméstico, com as mulheres constituindo 58,2% do grupo.

Ao voltar sua análise para o Brasil, apoia-se em Souchaud e Baeninger (2008), autoras que apontam dois perfis distintos de imigrantes bolivianos na cidade de Corumbá: os originários das planícies, menos escolarizados, que é o grupo com maior número de mulheres (67%), crianças e idosos; e os andinos, constituído por maior número de migrantes em idade produtiva e maior equilíbrio na distribuição por gênero.

<sup>13</sup> In: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/4870-estado-plurinacional-da-bolivia>

Segundo dados do Banco Central de Bolívia <sup>14</sup>, 42,2% das remessas de capital tem como origem a Espanha; seguido por EUA, 16,9%; Argentina, 10,5%; Chile, 9,8%; e Brasil, 8,5%. Os destinos principais são os departamentos de Santa Cruz, Cochabamba e La Paz, recebendo 40,8%, 32,4% e 13,4%, respectivamente.

Para pensar como é apresentada na imprensa o fenômeno migratório, e as mulheres nesses processos, a partir do país de origem, nos detivemos em *El Deber*, jornal da província de Santa Cruz de La Sierra, que permitia a busca por ano. Utilizamos apenas este periódico para conseguirmos identificar um *corpus* possível de manejo para efeitos do artigo e também porque entre vários periódicos possíveis este foi o um dos poucos que apresentou acesso minimamente amigável a seu banco de dados.

Baseamo-nos na percepção de que a veiculação cotidiana de notícias tem a capacidade de influenciar a opinião pública, ou ainda, dirigir a formulação de senso comum e “incentivar nos leitores a construção de modelos mentais sobre aquele determinado tema.” (MANETTA, 2012, p. 262). Em mesmo sabendo que esta não é uma relação linear, acreditamos, como o autor, que a compreensão ou interpretação de notícias constrói noções sobre temas socialmente compartilhados e justificam decisões tomadas, sejam elas individuais ou de grupos. Mesmo que o corpus não se constitua em uma amostra mais ampla, acreditamos que ele possa iluminar a forma como a migração é ofertada e significada no país de origem, tendo como pano de fundo as discussões propostas a partir da perspectiva de gênero.

Para a pesquisa, rastreamos as matérias jornalísticas de 2018 e 2019 de *El Deber*, a partir das palavras *inmigrantes*, *emigrantes*, *migrantes*, *emigración*, e *remesa* – esta última palavra incluída por intuirmos a importância do aspecto econômico, especialmente para o país de origem, conforme explicamos anteriormente no artigo. Guiamo-nos metodologicamente pelos primeiros passos expressos por Bardin (2010) acerca da análise de conteúdo, para o possível manejo do material coletado. A partir disto nos detivemos na interpretação das matérias elencadas como representativas das divisões que percebemos. Em seguida nos aprofundamos nas matérias que traziam mulheres entre os personagens, nas quais procuramos perceber a mobilização de alguns sentidos, em análise que detalhamos a seguir.

---

<sup>14</sup> In:

[https://www.bcb.gob.bo/webdocs/11\\_comunicados/CP13%20REMESAS%20DICIEMBRE%202018.pdf](https://www.bcb.gob.bo/webdocs/11_comunicados/CP13%20REMESAS%20DICIEMBRE%202018.pdf)

## Pesquisa e resultados em El Deber

Apesar do periódico permitir encontrar as matérias em uma lógica de data, não é possível a definição de uma data fechada (por exemplo, de 01 de janeiro de 2018 a 31 de dezembro de 2019). As notícias se sucedem, doze títulos a cada carga, com a indicação de datas na chamada em dias, meses ou anos - *hace 10 meses, hace 3 años*. Desta forma, para conseguirmos um corpus manejável optamos por interromper a busca por palavra-chave ao encontrarmos 45 matérias publicadas entre 2018 e 2019 (entre *hace 2 años* e *hace 6 meses*). A decisão de interromper a busca a partir da quadragésima quinta matéria deveu-se ao fato de que para as três primeiras palavras-chaves, a busca não obteve mais resultados após o carregamento de novas notícias por três vezes (36 notícias). A partir dessa primeira busca, que resultou um total geral de 225 matérias (45 matérias por palavra-chave), foram descartadas de imediato as matérias que não se relacionavam diretamente com o caso boliviano: crises migratórias internacionais, políticas migratórias internacionais, episódios xenofóbicos contra migrantes de outras nacionalidades, entre outras. Com a palavra-chave *emigración*, por exemplo, foi descartada a matéria *Puerto Rico: las posibles soluciones al incierto y frágil futuro de la isla*<sup>15</sup>, com *inmigrantes*, *Trump reafirma medidas contra inmigrantes*<sup>16</sup>. Com a palavra-chave *migrantes*, um exemplo de matéria descartada foi *Perú acoge a 550.000 venezolanos migrantes*<sup>17</sup>, com *emigrantes* descartou-se, por exemplo, *Cuál es el origen del panetón y cómo se convirtió en uno de los dulces navideños más consumidos en Sudamérica*<sup>18</sup> e com *remesas*, por exemplo foram descartadas publicações como *Pari usó figura de remesas para desfalcas agencias del Unión*<sup>19</sup>.

O resultado dessa primeira triagem foi organizado em uma tabela com 37 publicações, com as informações: palavras-chave, data, título da matéria, link para a matéria. Três títulos foram encontradas por duas de uma palavra-chave. Um título foi

<sup>15</sup> In: [https://eldeber.com.bo/160894\\_puerto-rico-las-posibles-soluciones-al-incierto-y-fragil-futuro-de-la-isla](https://eldeber.com.bo/160894_puerto-rico-las-posibles-soluciones-al-incierto-y-fragil-futuro-de-la-isla).

<sup>16</sup> In: [https://eldeber.com.bo/87531\\_trump-reafirma-medidas-contrainmigrantes](https://eldeber.com.bo/87531_trump-reafirma-medidas-contrainmigrantes).

<sup>17</sup> In: [https://eldeber.com.bo/40152\\_peru-acoge-a-550000-venezolanos-migrantes](https://eldeber.com.bo/40152_peru-acoge-a-550000-venezolanos-migrantes).

<sup>18</sup> In: [https://eldeber.com.bo/160808\\_cual-es-el-origen-del-paneton-y-como-se-convirtio-en-uno-de-los-dulces-navidenos-mas-consumidos-en-sudamerica](https://eldeber.com.bo/160808_cual-es-el-origen-del-paneton-y-como-se-convirtio-en-uno-de-los-dulces-navidenos-mas-consumidos-en-sudamerica).

<sup>19</sup> In: [https://eldeber.com.bo/2205\\_pari-uso-figura-de-remesas-para-desfalcas-agencias-del-union](https://eldeber.com.bo/2205_pari-uso-figura-de-remesas-para-desfalcas-agencias-del-union).

encontrado por três palavras-chave. Procedeu-se então a leitura de tais matérias, momento em que foram excluídas aquelas que não tratavam especificamente da imigração boliviana, mas que não se podia aferir apenas pelo título, por exemplo: *Chile empieza a regularizar a los inmigrantes*<sup>20</sup>, que trata da política migratória chilena mas não cita bolivianos; *La resistencia en soledad germina en el norte del Tipnis*<sup>21</sup>, que trata de reivindicações de comunidade indígena da região de Trinidadcito; *Migrantes, doblemente víctimas*<sup>22</sup>, que trata do drama humano da imigração citando o caso venezuelano, e as políticas norte-americana e mexicana.

Esta segunda triagem eliminou 17 matérias, três aferidas pela palavra *emigración*, quatro por emigrantes, duas por *inmigrante*, quatro por migrantes, uma que aparece em migrantes e emigrantes e três com o rastreador remesas. Assim, a partir desta seleção restaram 20 matérias, indexadas pelas palavras *remesas* (13), emigrantes (2), emigrantes e *remesas* (2), *emigración* (1), emigrantes, *emigración* e *remesas* (1), migrantes e *remesas* (1).

O primeiro achado que podemos inferir desta seleção é, conforme prevíamos, a importância da perspectiva das remessas dos imigrantes ao país de origem. Olhando mais detidamente os artigos que foram encontradas por esta palavra, percebemos que a maior parte dos textos (12) são informes financeiros, sem o aparecimento de sujeitos, dados objetivos dos valores aferidos pelas remessas, ou aumento ou diminuição, como o caso da matéria e *Bolivia capta \$US 640 millones en remesas*<sup>23</sup>. Poucas, como *Disminuye el ingreso de remesas en 2018; el BCB cree que es por el retorno de los bolivianos*<sup>24</sup> aprofundam as informações, oferecendo análises sobre os fatores que influem a diminuição do envio de remessas, especialmente as crises financeiras nos países vizinhos que são países de destino. Ao todo, nove das matérias indexadas com a palavra *remesas*, uma na palavra *emigrantes* e as duas que foram captadas pelas palavras *emigrantes* e *remesas* estão nessa categoria. Nestas matérias, portanto, além da universalização do masculino (que aparece como intuído), há um apagamento geral do migrante enquanto sujeito.

<sup>20</sup> In: [https://eldeber.com.bo/3529\\_chile-empieza-a-regularizar-a-los-inmigrantes](https://eldeber.com.bo/3529_chile-empieza-a-regularizar-a-los-inmigrantes).

<sup>21</sup> In: [https://eldeber.com.bo/84133\\_la-resistencia-en-soledad-germina-en-el-norte-del-tipnis](https://eldeber.com.bo/84133_la-resistencia-en-soledad-germina-en-el-norte-del-tipnis)

<sup>22</sup> In: [https://eldeber.com.bo/134545\\_migrantes-doblemente-victimas](https://eldeber.com.bo/134545_migrantes-doblemente-victimas).

<sup>23</sup> In: [https://eldeber.com.bo/104552\\_bolivia-capta-us-640-millones-en-remesas](https://eldeber.com.bo/104552_bolivia-capta-us-640-millones-en-remesas)

<sup>24</sup> In: [https://eldeber.com.bo/80196\\_disminuye-el-ingreso-de-remesas-en-2018-el-bcb-cree-que-es-por-el-retorno-de-los-bolivianos](https://eldeber.com.bo/80196_disminuye-el-ingreso-de-remesas-en-2018-el-bcb-cree-que-es-por-el-retorno-de-los-bolivianos)

As oito matérias restantes trazem em comum a existência de migrantes enquanto personagens da narrativa, mesmo que de formas muito distintas e geralmente a partir de uma lógica específica de gênero que naturaliza o masculino e invisibiliza o feminino. Em *Migrantes y desempleados en Bolivia*<sup>25</sup>, por exemplo, um artigo de opinião, o tema é a morte dos trabalhadores bolivianos em uma mina chilena que são mencionados apenas para exigir do Estado políticas de incentivo ao emprego. Em outro artigo de Opinião, *Dimensión de las remesas externas*<sup>26</sup> o papel econômico dos migrantes é explicado aos leitores e os problemas também são indicados, quando o articulista aponta o custo social dado pela separação familiar e pelas condições deploráveis (não regularização, semiescravidão) dos migrantes. Interessante observar nesta matéria que, mesmo ao falar da família, locus generificado ao qual são geralmente atreladas as mulheres, estas não aparecem identificadas, já que o objetivo da narrativa é tratar do custo da imigração, enquadrada a partir da lógica androcêntrica. Outra matéria, *Bolivia lanza cursos de formación técnica para bolivianos en el exterior*<sup>27</sup>, aponta para os esforços do Estado para melhor capacitar os migrantes, oferecendo cursos EaD de nível técnico, nas áreas que mais ocupam migrantes nos países destino: Enfermagem, Construção Civil, Gerontologia Sociocomunitária, Agropecuária e Confecção Têxtil. Também aqui o sujeito universalizado é masculino, a despeito das profissões de cuidados que também são tradicionalmente generificadas. Em *El sueño argentino se rompió otra vez: la crisis que se sufre bajo la piel de bolivianos*<sup>28</sup>, dá-se conta das dificuldades encontradas por bolivianos na Argentina em função da crise do país. Aqui aparecem personagens reais, e apesar de mencionar o testemunho de homens e mulheres dedicados à agricultura, atividade têxtil e construção, chama para falar apenas homens (cinco) que explicam suas dificuldades. Também voltada para falar de pessoas específicas, *Dos hermanos quieren levantar un condominio exclusivamente para bolivianos em Sao Paulo*<sup>29</sup> conta a iniciativa de dois bolivianos que pretendem realizar este empreendimento através do financiamento coletivo tradicional da Bolívia, o *pasanaku*. Nesse texto uma mulher é especialmente apresentada, a jornalista e

<sup>25</sup> In: [https://eldeber.com.bo/136725\\_migrantes-y-desempleados-en-bolivia](https://eldeber.com.bo/136725_migrantes-y-desempleados-en-bolivia)

<sup>26</sup> In: [https://eldeber.com.bo/64340\\_dimension-de-las-remesas-externas](https://eldeber.com.bo/64340_dimension-de-las-remesas-externas)

<sup>27</sup> In: [https://eldeber.com.bo/108253\\_bolivia-lanza-cursos-de-formacion-tecnica-para-bolivianos-en-el-exterior](https://eldeber.com.bo/108253_bolivia-lanza-cursos-de-formacion-tecnica-para-bolivianos-en-el-exterior)

<sup>28</sup> In: [https://eldeber.com.bo/135651\\_el-sueno-argentino-se-rompio-otra-vez-la-crisis-que-se-sufre-bajo-la-piel-de-bolivianos](https://eldeber.com.bo/135651_el-sueno-argentino-se-rompio-otra-vez-la-crisis-que-se-sufre-bajo-la-piel-de-bolivianos)

<sup>29</sup> In: [https://eldeber.com.bo/148848\\_dos-hermanos-quieren-levantar-un-condominio-exclusivamente-para-bolivianos-en-sao-paulo](https://eldeber.com.bo/148848_dos-hermanos-quieren-levantar-un-condominio-exclusivamente-para-bolivianos-en-sao-paulo)>



secretária, Sandy Bell, identificada por levar as bandejas com brigadeiros e cubos de gelo para as bebidas a serem oferecidas aos interessados no lançamento, em uma posição bastante generificada (a da mulher que serve). Também há menção ao fato do sistema de financiamento coletivo ter nascido, na década de 1980 pelas mulheres, em uma lógica comunitária.

### Enfim Mulheres Migrantes

Apenas em três matérias de todo o *corpus* as mulheres aparecem em maior medida. Em *La economía en España y EEUU repunta y arropa a los migrantes legales*<sup>30</sup> Daniela Ovando, que migrou para os EUA em 2006, em busca de “uma vida melhor para os filhos” conta que trabalhou em afazeres da área doméstica, comércio e serviços e que hoje tem uma vida mais tranquila que lhe permite enviar cerca de 20% de seus ganhos à mãe, na Bolívia. Além dela aparecem dois personagens masculinos, cujas atividades não são citadas. Apontando a importância do aumento dos envios dos migrantes para suas famílias, a matéria traz autoridades que vão também apontar aspectos negativos, especialmente o impacto emocional nas crianças que ficam, com a “desintegração de lares”. Em *La emigración boliviana no para y hace patria desde diferentes países*<sup>31</sup> temos a primazia de personagens mulheres: Yenni Ribera que, por desespero, migrou à Espanha, em busca de sustento para os três filhos, “trabalhou como trabalha uma mãe desesperada”, mas hoje está estabelecida e casada com um espanhol – “encontró el amor” e conseguiu levar os filhos para viver em Barcelona, criando uma associação que defende os direitos dos bolivianos na Espanha. Aqui os enquadramentos generificados são gritantes, com a mulher definida a partir do lugar de mãe e da relação com o amor romântico, a despeito de sua atuação pública (na associação). A segunda é María Contreras, que cuida de uma idosa, também na Espanha. A terceira, Beatriz, vive em Buenos Ayres há cerca vinte anos, conseguiu se estabelecer e trazer os filhos. Também se dedicou, entre outros, ao trabalho doméstico. Aparecem ainda Silvia, que trabalha como faxineira em Nova Iorque, Gerardo, também residente daquela cidade e Oscar, que migrou também para Buenos Aires junto com a esposa. O artigo propõe-se abordar várias

<sup>30</sup> In: [https://eldeber.com.bo/38569\\_la-economia-en-espana-y-eeuu-repunta-y-arropa-a-los-migrantes-legales](https://eldeber.com.bo/38569_la-economia-en-espana-y-eeuu-repunta-y-arropa-a-los-migrantes-legales).

<sup>31</sup> In: [https://eldeber.com.bo/146506\\_la-emigracion-boliviana-no-para-y-hace-patria-desde-diferentes-paises](https://eldeber.com.bo/146506_la-emigracion-boliviana-no-para-y-hace-patria-desde-diferentes-paises).



questões, como a motivação para sair do país, a questão das remessas, os países de preferência, a implementação do Sistema de Control de Fronteras (Cicof). A presença importante de personagens femininas na matéria deve-se à informação oficial de que a imigração feminina na Bolívia representava, em 2017, 52,83% do total de imigrantes. Mas estas são lidas a partir dos lugares tradicionais de gênero, mesmo que lhes seja facultada alguma agência na vida como migrantes.

Em *Las urnas serán la voz con la que los migrantes quieren ser visibles*<sup>32</sup> o objetivo é narrar sobre o voto de migrantes, que exercem este direito “para sentirem-se mais perto da pátria”, mas também para que suas vozes sejam escutadas e as autoridades atendam suas demandas, desde o exterior. Traz comentários de Yenni Ribera, que vive em Barcelona e já foi citada no artigo anterior, Victoria Ibarra e Lili Camacho, que vivem na Argentina. Fradique Iglesias e Johny Auza, residentes nos EUA, também opinam.

Nas três matérias acima citadas, indica-se em maior ou menor medida o protagonismo das mulheres migrantes, sua importância para a economia do país, assim como do custo pessoal e familiar da empreitada. No entanto, esses assuntos são explorados superficialmente e pelo viés das mulheres que viabilizaram sua jornada e se estabilizaram no país de acolhimento -- significativo portanto uma personagem vitoriosa aparecer em dois artigos diferentes. A construção se dá, como apontamos anteriormente, a partir de uma perspectiva do vencedor individual, mesmo que o personagem seja mulher. Não se fala, por exemplo, em violência de gênero que sofrem mulheres migrantes nos países destino, ou sobre o que acontece com aquelas que não logram sucesso. E, mesmo se formos condescendentes e pensarmos que o objetivo das matérias não era tratar desses outros temas (o que indica uma ausência na cobertura que mereceria aprofundamento posterior), é necessário ressaltar que nos textos não se aponta, por exemplo, as particularidades da formação de cada uma das personagens, uniformizando a figura da mulher migrante e relacionando-a aos lugares tradicionais do gênero -- chave comum dentro do jornalismo que tem o masculino como seu gênero padrão (VEIGA DA SILVA, 2004).

---

<sup>32</sup> In: [https://eldeber.com.bo/153707\\_las-urnas-seran-la-voz-con-la-que-los-migrantes-quieren-ser-visibles](https://eldeber.com.bo/153707_las-urnas-seran-la-voz-con-la-que-los-migrantes-quieren-ser-visibles)

## Apontamentos finais

O gênero influi tanto nas condições do processo migratório em si quanto nas possibilidades laborais que migrantes encontram nos locais de acolhimento, e o confinamento da mulher migrante em determinados nichos é um fenômeno global que se atrela à “mercantilização das tarefas domésticas e de cuidados”, que vêm se desenhando desde fins do séc. XX (DUTRA, 2013, p. 96). A autora lembra também que não existe um perfil único de mulher migrante, no entanto, existem fatores que se fazem notar mais caracteristicamente: pobreza, violência e opressão doméstica ou comunitária e o desejo de emancipação (idem, p. 95). Ao apontar que as mulheres são as principais responsáveis pelo envio de remessas aos países de origem, relaciona essa representação crescente do ponto de vista econômico ao também aumento de famílias monoparentais e dos índices de feminização da pobreza (idem, p. 96), como já mencionamos no início deste texto.

Estas perspectivas passam longe do que é apresentado na imprensa, caso de *El Deber*, o jornal sob o qual nos detivemos. A análise das matérias identificadas no jornal se, por um lado, apontam para a importância do papel da imigração enquanto produtora de divisas para o país de origem (no caso específico a Bolívia), em sua maioria não discutem as questões dos imigrantes -- sejam eles homens ou mulheres, que raramente aparecem como sujeitos, ou personagens nas histórias. Poucas vezes seu sofrimento é apontado e quando isso acontece são acionadas predominantemente discussões morais sobre o desmantelamento das famílias.

Embora a questão da vulnerabilidade dos grupos migrantes esteja em pauta no jornal pesquisado, apenas indiretamente aparece a discussão sobre a responsabilidade dos Estados, tanto dos fornecedores de mão-de-obra, quanto daqueles que os recebem, reforçando a ideia de que a imigração obedece a decisões pessoais, sobre as quais não há ingerência de terceiros.

As mulheres, objeto de nosso interesse neste texto, protagonistas cada vez mais evidentes deste complexo de movimentações de pessoas, raramente estão presentes e nunca a partir de uma perspectiva que problematize, por exemplo, o fato de serem “sobretaxadas”, apenas por serem mulheres: recebem salários menores; são impelidas a deixarem os lares para executar “trabalhos de mulher” em lares alheios, enquanto os homens ficam por falta de opção; sofrem violências de toda ordem, inclusive obstétricas.

Embora avance a imigração de baixa renda e estejamos assistindo aos países

fornecedores criarem “cursos de qualificação” para que esses imigrantes se coloquem no mercado de trabalho nos países de acolhimento, nada se fala sobre os interesses globais desse movimento migratório.

No caso específico do tema da migração, parece somar-se à tradicional invisibilidade das mulheres na mídia a invisibilidade das mulheres no processo migratório, apesar da presença massiva de corpos femininos nas migrações, acompanhadas ou sozinhas, mas sempre mais vulneráveis. E, como observamos no jornal analisado, quando a mulher é visível como personagem da narrativa, é relacionada aos espaços generificados próprios para as mulheres: a casa, como mãe, trabalhadora dos cuidados, em uma perspectiva que naturaliza para a mulher estes espaços, em uma cobertura que reproduz a perspectiva androcêntrica do jornalismo.

## Referências

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: Gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, set./dez. 2007.

BADET, Maria; COGO, Denise. Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores - Migrantes no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Coleção de Guias de Diversidade Cultural para Comunicadores**. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, v. 1, 2013. p. 105.

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. **Migração Feminina**: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. In: Anais do XVIII Encontro nacional de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: ABEP - Associação Brasileira de Estudos Populacionais. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010

BERTOLDO, Jacqueline. Migração com rosto feminino: múltiplas vulnerabilidades, trabalho doméstico e desafios de políticas e direitos. **Katálysis**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 313-323, maio/ago. 2018.

CASTELS, Stephen. Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 18, n. 35, p. 11-43, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/227/210> Acesso em: 20 nov. 2019.

DORNELAS, Paula; SANTOS, Kelly. **Migração e trabalho**: feminização, interseccionalidades e o papel do Estado. 42º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambú: [s.n.]. 2018, p. 1-25.

DUTRA, Délia. E quem vai cuidar delas? Migração internacional de mulheres originárias da América Latina e trabalhos de cuidado. In: VEIGA, M., et al. (org.). **Mundos de mulheres no Brasil**. Curitiba: CRV, 2019. Cap. 27, p. 299-310.

\_\_\_\_\_. Mulheres do *sul* também migram para o *sul*, paraguaias no Brasil. **Anuario Americanista Europeo**, Madrid, ano 2013, n. 11, p. 93-108, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/lican/Downloads/Dialnet-MulheresDoSulTambemMigramParaOSulParaguaiasNoBrasi-4626280.pdf> Acesso em 20 nov. 2019.

GALLEGO, Joana. Sobre reinas, bellas sirenas y damas de hierro. **Emakunde**, Espanha, n. 71, p. 10-13, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2668711> Acesso em 6 abr. 2020.

GIL, Carmen Gregorio. Por qué hablar de cuidados cuando hablamos de migraciones transnacionales. **Quaderns-e Revista del Institut Catalá d'Antropologia**, Barcelona, n. 22 (2), p. 49-64, 2017. Disponível em: <https://www.antropologia.cat/quaderns-e-376> Acesso em 4 dez. 2019.

GUARNIZO, Luiz Eduardo. Aspectos económicos del vivir transnacional. **Colombia Internacional**, Bogotá, n. 59, jan. 2004, p. 12-47. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/abs/10.7440/colombiaint59.2004.01> Acesso em 4 dez. 2019.

LAGO, Claudia; GONÇALVES, Gean Oliveira; KAZAN, Evelyn Medeiros. Jornalismo na lógica descolonial: o caso do Nós, Mulheres da Periferia. **Anais..** Goiânia: [s.n.], 2019. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002982384.pdf>

LAURETIS, Tereza. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019, pp 121-155.

LAWSON, Max; et all. **Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade**. Oxfam Internacional, Grã-Bretanha, jan. 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/> Acesso em 10 mar. 2020.

MANETTA, Alex. Bolivianos no Brasil e o discurso da mídia jornalística. In: BAENINGER, R., (org. ). **Imigração boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População - NEPO/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. p. 257-270. Disponível em: [https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/bolivianos/livro\\_bolivianos.pdf](https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf) Acesso em 10 mar. 2010.

MOROKVASIC, Mirjana. Birds of passage are also women. **The International Migration Review**, New York, 18, winter 1984. 886-907. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2546066> Acesso em 20 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Gendering migration. **Migrasijske i etnicke teme**, Zagreb / Croácia, 30, n. 3, 2014. 335-378. Disponível em: <https://hrcak.srce.hr/135716> Acesso em 10 mar 2020.

NÓBREGA, Ricardo. Trabalho e identidade na imigração boliviana para São Paulo. Disponível em: [https://www.academia.edu/541988/Trabalho\\_e\\_identidade\\_na\\_imigra%C3%A7%C3%A3o\\_boliviana\\_para\\_S%C3%A3o\\_Paulo](https://www.academia.edu/541988/Trabalho_e_identidade_na_imigra%C3%A7%C3%A3o_boliviana_para_S%C3%A3o_Paulo) Acesso em 10 mar 2020.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino. Desde el feminismo comunitário**. 2ed. Mexico: El Rebozo, v. 1, 2014. Disponível em: <https://sjlatinoamerica.files.wordpress.com/2013/06/paredes-julieta-hilando-fino-desde-el-feminismo-comunitario.pdf> Acesso em: 30 out. 2019.

PERES, Roberta. Imagens de gênero: renegociações, trajetórias e estratégias migratórias de mulheres imigrantes no Brasil. In: BAENINGER, R., et al. (org.) **Migrações Sul-Sul**. 2ª. ed. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - NEPO/UNICAMP, 2018. p. 778-781. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/omp/index.php/ebooks/catalog/book/978-85-88258-46-4> Acesso em 02 dez. 2019.

SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana. Collas e cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 271-286, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v25n2/v25n2a05> Acesso em: 15 dez. 2019.

VEIGA da SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**. 2014. Florianópolis: Insular.

Submissão: 21 jul 2020

Aceito: 24 ago 2020